

Contribuições e desafios do enfermeiro supervisor na formação acadêmica de enfermagem em contexto hospitalar

Contributions and challenges of supervisor nurses in academic nursing education in the hospital context

Contribuciones y desafíos del enfermero supervisor en la formación académica de enfermagem en contexto hospitalario

Gabriella Sorgatto do Amaral¹
Magda Duarte dos Anjos Scherer²
Letícia de Lima Trindade³

RESUMO: Objetivou-se compreender as contribuições e desafios dos enfermeiros supervisores na formação acadêmica de enfermagem no contexto hospitalar. Trata-se de um estudo qualitativo, realizando em um hospital de ensino no Brasil. Foram realizadas observações e três sessões de grupo focal com enfermeiros assistenciais, enfermeiros gestores e acadêmicos de enfermagem, sendo os achados submetidos à análise de conteúdo e o projeto aprovado em comitê de ética em pesquisa. Identificou-se a importância da integração ensino-serviço para a formação em saúde, especialmente da Enfermagem; os desafios pelo acúmulo de funções do enfermeiro supervisor e de tarefas para os estudantes, bem como os limites postos na inserção do acadêmico no cenário assistencial. Integrar a pesquisa ao ensino, gestão e assistência, desenvolver protocolos para orientar o estágio, institucionalizar a educação permanente, melhorar o planejamento da entrada dos discentes, estruturar uma disciplina na graduação sobre técnicas de ensino, poderiam ser

1 Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Email: enfabisorgatto@gmail.com <https://orcid.org/0000-0001-7880-2255>.

2 Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Centre de Recherche sur le Travail et le Développement, Conservatoire National de s Arts et Métiers (CRTD/CNAM), Paris, França. Email : magda.scherer@pq.cnpq.br <https://orcid.org/0000-0002-1465-7949>.

3 Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Chapecó, Santa Catarina, Brasil. Email: letrindade@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0002-7119-0230>.

estratégias a facilitar a qualificação do estágio em enfermagem.

Palavras-chave: Hospital de Ensino. Enfermeiro. Educação em Enfermagem. Educação continuada. Papel do Profissional de Enfermagem.

ABSTRACT: Nurses have a direct function of patient care and management activities, but when they are hospitalized at an internship supervising school. This qualitative study aimed at the work of nurses in academic training. Data were collected through observation work and three work groups: nursing assistants, nurse managers and academics. The analysis of the results resulted in an analysis of the results of supervised higher education, career overload and insertion of the academic in the stage. The sick are related to the lack of actions of permanent education, lack of time for academic follow-up and greater interaction of teachers, which is reiterated by academics. These manifest satisfaction with the work done by the nurses.

Keywords: Teaching Hospital. Nurse. Education. Nursing. Education. Continuing. Rol de la Enfermera.

RESUMEN: Los objetivos fueron conocer las contribuciones y los desafíos de los enfermeros supervisores en la formación académica en el contexto hospitalario. Trata-se de um estudo qualitativo, que se realiza en el hospital de Brasil. Se trata de un estudio cualitativo, realizando en un hospital de enseñanza en Brasil. Se realizaron observaciones y tres sesiones de grupo focal con enfermeros asistenciales, enfermeros gestores y académicos de enfermería, siendo los hallazgos sometidos a análisis de contenido y el proyecto aprobado en comité de ética en investigación. Se identificó la importancia de la integración enseñanza-servicio para la formación en salud, especialmente de la Enfermería; los desafíos por la acumulación de funciones del enfermero supervisor y de tareas para los estudiantes, así como los límites puestos en la inserción del académico en el escenario asistencial. Integrar la investigación a la enseñanza, gestión y asistencia, desarrollar protocolos para orientar el estadio, institucionalizar la educación permanente, mejorar la planificación de la entrada de los discentes, estructurar una disciplina en la graduación sobre técnicas de enseñanza, podrían ser estrategias a facilitar la calificación de la etapa en enfermería.

Palabras clave: Hospital de Ensino. Educación. Educación en Enfermería. Educación Continua. Papel del Profesional de Enfermería.

INTRODUÇÃO

A regulamentação do exercício da Enfermagem no Brasil atribui como atividades privativas do enfermeiro: direção e chefia das unidades de enfermagem; organização dos serviços de enfermagem e suas atividades técnicas; planejamento, organização, coordenação, execução e avaliação dos serviços de assistência; consulta de enfermagem; prescrição da assistência de enfermagem; cuidados diretos de assistência a pacientes graves com risco de vida e cuidados de enfermagem de maior complexidade técnica que exijam conhecimentos de base científica e capacidade de tomar decisões imediatas.¹ Quando trabalhador inserido em hospital de ensino, o enfermeiro, mesmo não pertencendo a academia, torna-se corresponsável em preparar o acadêmico de enfermagem para

Tempus, actas de saúde colet, Brasília, 13(2), 23-36, jun, 2019. ISSN 1982-8829

sua prática de atividade profissional ².

O trabalho desenvolvido pelos enfermeiros em hospital de ensino está direcionado à assistência, gestão, formação e pesquisa. A flutuação entre essas atividades faz com que os profissionais desenvolvam a capacidade de lidar com situações distintas e específicas, exigindo do profissional posturas adequadas para cada momento e a utilização de todas as competências desenvolvidas no decorrer da sua vida profissional.³

Exercendo a função de supervisão de estágio, tendo em vistas as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Enfermagem em vigência, o enfermeiro tem a responsabilidade de auxiliar o acadêmico a desenvolver seis competências gerais fundamentais para o futuro profissional: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente.⁴ Cabe salientar que a legislação⁵ dispõe que o estágio no ensino superior em enfermagem é considerado o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de estudantes de enfermagem regulares.

A função principal do supervisor de estágio é ensinar a clinicar, para isso requer conhecimentos e habilidades para desenvolver os procedimentos clínicos que serão compartilhados com o estagiário, favorecendo-o na aquisição de habilidades e competências necessárias para o futuro profissional. Já o enfermeiro supervisor designado pelo hospital deve participar na formalização e nas atividades de planejamento do estágio dos graduandos, respeitando sempre o nível de complexidade de cada setor. Quando assume a supervisão dos estudantes o enfermeiro torna-se responsável pelo planejamento, organização e supervisão direta ao educando durante os estágios ou qualquer atividade desenvolvida nas instituições de saúde, contudo não substitui o docente nas atividades formativas, além disso é facultado ao enfermeiro do hospital de ensino participar da supervisão do estágio curricular simultaneamente com as funções de enfermeiro do serviço, ficando, também, proibido do enfermeiro supervisor se eximir da responsabilidade pelas atividades executadas pelos estagiários curriculares obrigatórios, ou seja os previstos na formação, e os não obrigatórios.⁶

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo compreender as contribuições e desafios do enfermeiro supervisor na formação acadêmica de enfermagem no contexto hospitalar.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada em um hospital de ensino da Região Centro-Oeste do Brasil, nas Unidades de Terapia Intensiva, Pediatria, Maternidade e Centro de Pronto Atendimento.

A escolha dos participantes seguiu os critérios de inclusão: incluir profissionais de enfermagem exercendo função de gestão e/ou assistencial por, no mínimo, dois meses no cenário de interesse; inserir acadêmicos de enfermagem, regularmente matriculados no curso de enfermagem da Universidade de Brasília, cursando, no mínimo, o sexto período do curso, desenvolvendo suas

atividades no setor por, no mínimo, duas semanas.

A coleta de dados constituiu-se de duas etapas sequenciais e complementares: observação do trabalho e grupo focal. A etapa de observação do trabalho foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2017, durante 12 horas em cada setor, em turnos e dias distintos, para conhecer o trabalho de maior número de profissionais e em diferentes rotinas, totalizando 48 horas. Nesse processo foram acompanhados de forma sistemática as ações rotineiras dos enfermeiros e dos acadêmicos e com a equipe do setor. A observação ocorreu com foco principalmente na escolha e no tempo de realização das atividades assistenciais, de gestão e de supervisão de estágio e atividades mais desenvolvidas.

e mais se destacaram e serviram de subsídio para criação de um roteiro semiestruturado que foi utilizado como norteador do grupo focal. Foram realizados três grupos focais distintos, um com os enfermeiros gestores (quatro profissionais), um com os enfermeiros assistenciais e supervisores dos estudantes (quatro profissionais), e um terceiro com os acadêmicos de enfermagem (cinco participantes). A escolha dos participantes e do quantitativo foi definido pelas chefias em função do quadro de pessoal presente em cada setor no momento acordado para a realização do grupo focal. Os grupos foram realizados em uma sala de reunião de uma das unidades do hospital que possibilitava fácil acesso a todos os participantes, e cada grupo focal teve duração média de 40 minutos.

As informações foram registradas por meio de áudio e transcritas. Também foram registradas notas de observação que, em conjunto com os resultados dos grupos focais foram submetidos a análise temática⁷, realizando-se a exploração do material, codificação e criação de tópicos para posterior análise, identificando-se os sentidos das comunicações para se proceder a codificação dos segmentos de conteúdo, dos quais emergiram três categorias para a discussão: A integração ensino-serviço: fortalecimento a partir da interação entre enfermeiros supervisores e os estudantes de enfermagem; Os desafios: o acúmulo de funções do enfermeiro supervisor e de tarefas para os estudantes; Os limites: a ampla e qualificada inserção do acadêmico no cenário assistencial. .

A pesquisa seguiu todas as orientações dos padrões éticos exigidos pela Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e da Resolução nº 510/2016, do CNS, sendo submetida e aprovada por comitê de ética e pesquisa. Para manter o sigilo dos participantes, os enfermeiros assistenciais foram identificados pelas letras EA, os enfermeiros supervisores pelas letras ES, e os acadêmicos de enfermagem foram identificados pelas letras AE, todos seguidos de um número.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A integração ensino-serviço: fortalecimento a partir da interação entre enfermeiros supervisores e os estudantes de enfermagem

No estágio supervisionado, os acadêmicos tem a oportunidade de colocar em prática a teoria

aprendida até o momento, compartilhando com os profissionais o dia a dia dos serviços de saúde e tendo a oportunidade de aprender com enfermeiros assistenciais e gerentes dos serviços, mas que possuem uma bagagem técnica e intelectual própria e irão agregar na singularidade do trabalho real.

A importância que o estágio supervisionado apresenta na futura vida profissional do acadêmico de enfermagem está presente em vários relatos dos enfermeiros.

[...]como você faz parte da mesma função [assistência e formação], você acaba passando para eles algumas informações que são realmente uma coisa de prática e não só a teoria, então é muito importante [...] (EA1).

[...]bom, acredito que ele consiga adquirir mais maturidade, possa adquirir um pouco mais de segurança para poder ter mais iniciativa do dia a dia [...] (ES1).

Na prática do trabalho os acadêmicos se deparam com situações singulares que não estavam pré-determinadas ou não foram ensinadas em sala de aula, e a maneira que ele aprende a lidar com essas situações irá influenciar na sua vida profissional futura, evidenciando assim a importância do estágio curricular.

[...]passagem de sonda que eu achei diferente. Coisas simples como instalação de nutrição parenteral que é diferente do que a gente aprendeu. Tem coisa que a gente não faz estéril, mas a que gente aprende que é. Basicamente essas coisas, mais técnicas [...] (AE2).

Fato constatado durante a etapa de observação e destacado pelos enfermeiros em sessões do grupo focal é o benefício que o acadêmico de enfermagem representa para o setor, diminuindo a sobrecarga de trabalho e trazendo novos conhecimentos aos profissionais que ajudam nos processos de trabalho.

[...]e eles são colaboradores demais no sistema. Eu acho que eles já acrescentaram muito! Muito, muito mesmo! Quando a gente fica sem acadêmico a gente sofre também [...] (EA2).

[...] porque é uma troca muito interessante e até dá um ânimo para gente, você ali aí eles chegam com alguma coisa nova, com uma pergunta e isso te instiga também, como funcionário, a procurar saber mais, até para dar respostas melhores para eles [...] (EA1).

Pesquisadores⁸ ressaltam a importância do estudante de enfermagem aprender no serviço, sendo, especialmente o estágio supervisionado, uma oportunidade para confrontar o conhecimento adquirido em sala de aula com a atividade real, conhecer a realidade dos serviços de saúde. Em contrapartida, estar com o estudante proporciona ao profissional do serviço uma renovação de conhecimentos, deste e da equipe de enfermagem.

O trabalho de formação envolve o investimento de todo o conhecimento adquirido no ato de transformar, colocando em prática o agir profissional. O formador, neste caso os enfermeiros, têm a responsabilidade de manter um constante diálogo entre o conhecimento teórico e o prático, estar atento as estratégias de aprendizagem e as reações do acadêmico. Nessa troca de experiências, todos os atores tem a oportunidade de aprender a partir das competências do outro.⁹

A vivência de estudantes na realidade dos serviços é fundamental para a mudança que se pretende na formação profissional em saúde, condizente com as demandas e necessidades do Sistema Único de Saúde. Esse encontro de trocas volta-se também para qualificação das práticas ofertadas a população, especialmente nos serviços públicos, o que pode minimizar diferenciações na qualidade do cuidado que comprometem seriamente a equidade do sistema.¹⁰

Os desafios: o acúmulo de funções do enfermeiro supervisor e de tarefas para os estudantes

Identificou-se entre os limites das atividades o acúmulo de funções do enfermeiros supervisor, o que gera sentimento de sobrecarga para este profissional e limita o suporte ao acadêmico em cenário de práticas.

Na fase de observação, verificou-se uma rotina similar em todos os setores, começando pela passagem de plantão realizada em sala reservada ou no posto de enfermagem, visita aos pacientes para avaliação das necessidades de cada um, plano de trabalho com divisão das tarefas a serem realizadas, realização de procedimentos necessários ou prescritos pelo médico e finalizando com a prescrição e evolução de enfermagem. Verificou-se que neste processo o acadêmico é inserido nas rotinas do setor, como se fosse membro da equipe de trabalho, não havendo acompanhamento do mesmo em todos os procedimentos que ele executa ou um momento exclusivo com o acadêmico (Nota de observação).

[...] falta tempo, exclusividade. Porque assim, eu até quero demorar uma hora para passar uma sonda, para ensinar perfeitamente, mas eu sei que tem mil coisas para fazer lá fora, então a gente acaba... não acaba sendo uma preceptorial que era para ser uma preceptorial mesmo[...] (EA2).

Identificar as necessidades pessoais de cada acadêmico, planejar ações específicas para cada um e realizar acompanhamento e avaliação de forma satisfatória demanda um tempo¹¹ o que é restrito no contexto investigado.

A missão do ensino é importante, pois interfere diretamente no aprendizado do acadêmicos no momento mais crucial da sua formação, e muitos são os desafios para o enfermeiro na percepção dos acadêmicos de enfermagem.

[...] Um desafio que eles têm é que eles precisam estar sempre prontos a responder os

...nossos questionamentos. A gente como aluno pergunta o tempo todo, né?! E eles mesmos já relataram isso pra gente, que eles precisam estar constantemente estudando, se atualizando porque a gente pergunta o tempo todo. É muito difícil essa parte de conciliar a rotina, o seu trabalho rotineiro com a nossa presença lá, todo semestre muda, todo semestre são alunos novos, querendo ou não a gente sai já sabendo a rotina daquele setor e aí entra outros alunos e eles precisam passar tudo de novo [...] (AE2).

Outro desafio está nas múltiplas tarefas dadas aos estudantes, focado mais nas atividades a realizar e pouco na reflexão sobre a prática, o que novamente requer a aproximação com o enfermeiros assistenciais e com docentes. A literatura⁹ também aponta como dificuldades enfrentadas a inibição apresentada por alguns acadêmicos; a grande quantidade de tarefas a serem realizadas; a falta de acesso, por parte dos enfermeiros, à documentação que rege a disciplina; e o baixo número de professores supervisores.

Tanto os acadêmicos de enfermagem quanto os enfermeiros relatam existir falha no processo de ensino/aprendizagem, em especial no que se refere à falta de ações de educação continuada oferecida aos profissionais pelo próprio hospital. A falta de incentivo ao aprimoramento profissional por meio de ações de educação permanente em saúde (EPS) focadas nas dificuldades enfrentadas em cada setor aparece com um fator negativo do trabalho.

...[...]Eu acho que seria bem importante a gente ter um tempo para discutir, como estudo de caso mesmo, condutas[...] (AE2).

...[...]Lá No setor X a gente acabou fechando um plano trabalho de educação continuada dentro do nosso setor. Então nós enfermeiros estamos fazendo educação continuada com os nossos colaboradores. Mas do hospital eu sei que tem aquelas esporádicas. Mas em relação de preceptoria, ao manejo de um docente não tem nada [...] (ES1).

As falas dos enfermeiros e acadêmicos destacaram a falta de ações de EPS. Entretanto, os profissionais de alguns setores buscam suprir essa lacuna tomando a iniciativa de realizar atividades focadas nas demandas do dia a dia, como discussão dos casos novos identificados após a passagem da visita de enfermagem e atualização do acadêmico a respeito da patologia do paciente e dos cuidados de enfermagem.

Em um estudo realizado por pesquisadoras¹² evidenciou-se que quatro são as atividades que os profissionais consideraram essenciais para o adequado desenvolvimento do trabalho do enfermeiro, e a que apareceu em última opção, como a menos desenvolvida, foram as atividades educativas com apenas 9,8% do comprometimento diário de atividades.

Os achados também permitem questionar a preparação das enfermeiras para a supervisão, aspecto

pontuado em outra pesquisa¹³, a qual evidenciou em outro hospital de ensino da região sul do país o preparo insuficiente das enfermeiras facilitadoras para assumirem o diálogo necessário entre cuidar e educar, considerando que ambas as atividades se complementam, especialmente no contexto de hospitais destinados ao ensino. Além disso, as autoras salientam a importância da existência de um programa de educação permanente no contexto hospitalar, que fomente a construção de coletivos fortalecidos, aprendizagens significativas e o potencial de mudanças almejadas nas ações de educação em serviço.

Nesse sentido, ressalta-se a EPS como um processo em contínua evolução e adequações, o qual permite que um grupo de pessoas – nesse caso poderiam ser enfermeiros, estudantes e docentes - se articulem com a possibilidade de reflexão, de análise e construção de soluções coletivas, sendo, portanto, palpável o amadurecimento de todos. Além disso, o fomento desse processo nos serviços de saúde, na medida que tenciona as práticas, proporciona a ampliação dos espaços de discussão e possibilita um compromisso dos profissionais com melhores condições de assistência à saúde¹⁴.

Os limites: a ampla e qualificada inserção do acadêmico no cenário assistencial

Receptividade favorável por parte de toda a equipe de enfermagem influencia diretamente o desenvolvimento do acadêmico, potencializando o trabalho da equipe e o tornando mais confiante e pertencente ao ambiente, ao mesmo tempo que quando ocorre uma recepção negativa o acadêmico inicia seu estágio se sentindo incapaz e excluído do processo de trabalho. Durante a etapa de observação e através das falas dos participantes, verificou-se uma interação positiva predominante entre o acadêmico de enfermagem e a equipe.

[...]Aqui no hospital a gente é muito bem recebido. Os profissionais têm o prazer de ensinar, de estar mostrando o que a gente não sabe, a gente tem a abertura de perguntar [...] (AE3).

[...] Me surpreendeu. Sinceramente, no meu setor as enfermeiras são super atualizadas, sempre que da tempo me tiram uma dúvida, me dá uma aulinha. Então eu achei um ambiente bem favorável e eles deixaram a gente super à vontade para fazer as coisas, deixa a gente assumir procedimento, assumir paciente [...] (AE5).

Em consonância com a pesquisa, um estudo sobre a importância da reflexão no estágio curricular de licenciatura em enfermagem afirma que o ambiente de estágio tem a possibilidade de estimular o acadêmico a progredir e desenvolver sua personalidade profissional, cabendo ao supervisor criar as condições necessárias para este fim.¹⁵ Esse mesmo estudo ainda conclui que a participação de professores e funcionários apresentam papel importante na redução da ansiedade do acadêmico, no fortalecimento da autoconfiança e da autoestima.

A falta da comunicação da chegada dos acadêmicos ao campo de estágio para os enfermeiros e a equipe de enfermagem acarreta grande frustração. Observou-se que um grande número de

profissionais entra e sae dos setores, sendo eles pertencentes ou não ao quadro de funcionários, e acadêmicos de todas as especialidades, sendo assim os profissionais devem estar sempre atentos para a autenticidade do acadêmico recém chegado, necessitando assim de comunicação prévia da chegada e de suas atribuições no setor.

[...] Quando eu cheguei o que me incomodou foi a desconfiança da minha presença lá dentro, o pessoal me questionou muito: “ah, mas você é para estar aqui mesmo? Quem te colocou aqui? Quem te mandou aqui? Você já falou com a chefe? [...] (AE2).

Outro ponto importante para que aumente a receptividade dos acadêmicos por parte dos enfermeiros do hospital e para que o aprendizado seja efetivo é a interação do docente com o enfermeiro assistencial, trazendo o ponto de vista dos dois atores responsáveis pela formação. De acordo com os participantes, nota-se que esta interação é limitada, ocorrendo apenas com o enfermeiro supervisor e não com os enfermeiros assistenciais, justamente aqueles que permanecem o maior tempo com os acadêmicos:

[...] No meu setor as enfermeiras assistenciais nem conhecem ele, nem sabem quem são. A enfermeira chefe de lá realmente conhece ele, mas eu acho que falta esse contato... porque a gente não fica, eu pelo menos nunca passei um dia com a chefe, eu fico sempre com as meninas da assistência [...] (AE5).

[...]os professores se fazem presentes. Eu estou na parte de supervisão agora recente, então sempre tem um feedback, sempre tem uma reunião semanal para gente trocar o que precisa melhorar, como está sendo a rotina [...] (ES1).

[...] eu não tenho reunião semanal com os professores não. A professora que tomava conta dos acadêmicos do meu setor, ela se afastou, está fazendo pós-doc, aí está com um professor substituto [...] (EA2).

Em relação a interação docente/enfermeiro, corroborando com as falas dos participantes da pesquisa, estudo¹⁶ realizado em contexto de hospital de ensino que analisa o processo de integração docente/assistencial, confirmou a necessidade e a importância da troca de conhecimentos e habilidades entre o professor e o enfermeiro supervisor. Entre as recomendações apresentadas para melhoria dessa interação está a criação de estratégias de articulação entre o docente e o supervisor e o intercâmbio contínuo de saberes, com uma parceria compartilhada para realização de pesquisas, com foco na melhoria do aprendizado, proporcionando não somente a melhoria da assistência prestada, como a valorização da profissão.

Durante o grupo focal evidenciou-se a ausência de protocolo e pouco preparo dos enfermeiros para a chegada e permanência dos acadêmicos de enfermagem.

[...] não tem preparação. Não existe essa preparação. Inclusive cada um, na sua peculiaridade vai estar passando para o acadêmico aquilo de pessoal [...] (EA1).

[...] e assim, a gente sabe que é um hospital universitário e tudo, mas não são todos que tem habilidade de trabalhar com acadêmico [...] (EA2).

[...]eu tive experiência, antes de entrar aqui eu era preceptora de estágio de universidade. O meu perfil aqui é diferente de lá, porque lá eu era exclusiva preceptora deles, aqui eu sou preceptora deles e eu sou enfermeira assistente. Então às vezes a assistência que eu preciso dar para o meu estudante e pro meu paciente não tem como ser 100% [...] (EA2).

Os enfermeiros afirmam também não haver, na graduação, uma matéria que contemple técnicas de ensino para formação, sendo majoritariamente dirigidas as ações assistenciais. Dentre todas as enfermeiras participantes apenas uma já havia exercido função de supervisora de estágio antes de trabalhar no hospital cenário da pesquisa, e mesmo esta não havia recebido formação específica para tal função. Apenas a formação acadêmica dos profissionais não é suficiente para dar conta dos problemas apresentados no dia-a-dia na função de supervisor de estágio, já que cada acadêmico é singular, e é com o tempo e a experiência que o profissional consegue avaliar as técnicas que desenvolveu e que apresentam melhores resultados, e é deste modo que o profissional apresenta o genuíno desenvolvimento profissional¹⁷.

Com esta singularidade inerente a cada profissional, um fator observado é quanto a realização de procedimentos no setor, onde também não há um protocolo e cada profissional executa e transmite ao acadêmico o que aprendeu e como faz no trabalho real.

[...] mas a técnica dele é um de um jeito e outro profissional faz de outro jeito porque acha um pouco mais difícil, só que também mantém a técnica. Então se você tiver uma tecnicazinha que te facilite, eu acho que não tem problema, contando que você mantenha os preceitos da... estéril... de fazer as coisas [...] (AE1).

[...] A gente pergunta uma coisa, aí um profissional te ensina de uma forma, aí outro vem e te corrige, te fala “não, não é assim, não é assado”, aí você tem que parar e pensar assim “espera aí! Várias formas diferentes que chega no mesmo fim [...] (AE4).

Formações com diversas metodologias de ensino e em diferentes instituições podem levar a realização de diferentes técnicas na realização do trabalho, porém evidenciou-se que todas se adequam aos preceitos adequados do trabalho em enfermagem chegando ao fim desejado sem comprometimento do paciente. Observou-se apenas a necessidade do diálogo entre os profissionais para que o aprendizado aconteça de forma horizontal e mais similar possível, sempre respeitando a singularidade de cada profissional.

Durante a coleta de dados, os acadêmicos de enfermagem expressaram a satisfação pelo trabalho realizado e de, com o passar dos dias, terem conquistado a confiança dos enfermeiros da unidade. Entretanto, em alguns discursos evidenciou-se que a sensação de confiança era tamanha que alguns profissionais os deixavam sozinhos durante os procedimentos, o que levou alguns a ficarem receosos de que alguma coisa errada pudesse acontecer sem estarem sob supervisão direta de um enfermeiro, e sentindo-se, por vezes, “escravizados” pela equipe.

[...] Mas eu sinto que do meio do estágio pra cá a gente teve que meio que assumir o papel de enfermeira da Unidade e eles... não que seja totalmente ruim, mas por exemplo, muitas vezes eu estava ocupada e a enfermeira: “ah, quando você terminar aí você faz tal coisa” e ela no celular. Tipo, a gente meio que assumiu esse papel de enfermeira por eles, sabe? Então meio que jogaram essa reponsabilidade para mim, entendeu? Em partes eu não acho ruim, porque até mesmo eu treino a minha autoconfiança, né? mas as vezes eu sinto que eu poderia ser mais ajudada [...].

A autonomia na execução de qualquer trabalho apenas se evidencia quando o executante apresenta domínio e conhecimento do que está realizando. O acadêmico de enfermagem, por não possuir um lugar bem definido dentro dos processos de trabalho, e ainda não ter desenvolvido suas habilidades práticas, pode vivenciar alguns desconfortos. Cabe ao supervisor de estágio a inserção do acadêmico na equipe de enfermagem, apresentando suas funções e responsabilidades dentro do processo de trabalho, sempre pautado no incentivo da autonomia, respeito as diferenças, reconhecimento do trabalho realizado, acolhimento e transferindo ao acadêmico sua confiança na relação direta com o a equipe, pacientes e técnicas necessárias, aumentando assim a chance de o acadêmico ter êxito no seu futuro profissional.¹⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confirmou-se nesta pesquisa a importância da integração ensino-serviço para a formação em enfermagem no mundo do trabalho, assim como a existência de diferentes modos de fazer o cuidado de acordo com as singularidades locais e dos profissionais, sem que se configure um conflito com o conhecimento recebido na academia. Torna-se desafio ensinar protocolos que garantam a assistência de qualidade, mas que ao mesmo tempo não impeçam a singularidade do agir de cada profissional.

Os resultados inferem que o trabalho de formação analisado em alguns setores do hospital de ensino possui, em sua maioria, ambiente favorável para os processos de ensino aprendizagem. Os acadêmicos se mostram de modo geral satisfeitos, o estágio contribui potencialmente para educação permanente dos enfermeiros.

O estágio em enfermagem insere-se num cenário onde convivem várias temporalidades, a do paciente, a do enfermeiro, a do professor e a do academico, entre outros, configurando distintos ritmos de trabalho para atender as exigências dos diferentes agentes. De acordo com o foco deste

estudo, os acadêmicos requerem acolhimento organizado no cenário assistencial, os enfermeiros sentem necessidade de apoio da instituição em relação a capacitação dos profissionais para o trabalho com os acadêmicos de enfermagem, uma estrutura de educação permanente com foco nas dificuldades e especificidades de cada setor, um período de tempo exclusivo para o estágio face ao acúmulo de funções que desempenham, melhoria da comunicação com os professores.

Integrar a pesquisa ao ensino, gestão e assistência, desenvolver protocolos para orientar o estágio, institucionalizar a educação permanente, melhorar o planejamento da entrada dos discentes, estruturar uma disciplina na graduação sobre técnicas de ensino, poderiam ser estratégias a facilitar a qualificação do estágio em enfermagem.

Reconhece-se como limite a pesquisa ter sido feita em apenas um hospital, num curto espaço de tempo, mas o fato de ter abarcado enfermeiros e discentes de quatro setores lhe confere maior robustez. Construir o ponto de vista dos enfermeiros, dos discentes e dos professores na avaliação do processo de formação, no planejamento das ações e do tempo a ser dedicado pelo enfermeiro supervisor ao estágio pode ser um caminho para fortalecer a integração ensino-serviço no hospital. Novos estudos poderiam contribuir para fomentar e acompanhar essas estratégias de qualificação da integração entre as universidades e os hospitais de ensino na formação em enfermagem.

Contribuição das autoras:

Amaral, GS participou da concepção do projeto, da coleta e análise dos dados, da redação e da aprovação da versão final. Scherer, MDA participou da concepção do projeto, da análise dos dados, da redação e da aprovação final. Trindade, L participou da revisão crítica, da redação e da aprovação da versão final.

REFERÊNCIAS

1. COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. Legislação Instituidora do Sistema – Lei 7.498/86. Disponível em: <http://www.portalcofen.gov.br/sitenovo/node/4161>
2. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
3. SCHERER, M.D.A.; JOAZEIRO, E.M.G. Trabalho coletivo em hospitais de ensino: desafios e reservas de alternativas. **Trabalho e Saúde: cenários, impasses e alternativas no contexto brasileiro**. 1ed. São Paulo: Opção Editora, 2015, v.1, p. 93-118.
4. FERNANDES, J.D; REBOUÇAS, L.C. Uma década de diretrizes curriculares para a graduação em enfermagem: avanços e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n.

5. BRASIL. **Lei n. 11.788** de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. P. 1-6. 2008.

6. COFEN – Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução nº371/2010**. Dispõe sobre participação do Enfermeiro na supervisão de estágio de estudantes dos diferentes níveis da formação profissional de Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, 08 set, 2010.

7. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.

8. SOUZA, D.J.; FARIA, M.F.; CARDOSO, R.J; CONTRIM, D. Estágio curricular supervisionado sob a óptica dos enfermeiros supervisores. **Rev Enferm Atenção Saúde**, v. 6, n. 1, p. 39-51, 2017.

9. SCHWARTZ, Yves.; DURRIVE, Louis.(tradução de Marlene Machado Zica Vianna). **Trabalho & Ergologia II: Diálogos sobre a atividade humana**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.

10. FARIA, L.; QUARESMA, M. A.; PATIÑO, R. A.; SIQUEIRA, R. LAMEGO, G.. Integração ensino-serviço-comunidade nos cenários de práticas na formação interdisciplinar em Saúde: uma experiência do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) no sul da Bahia, Brasil. **Interface**, v.22, n.67, p.1257-66, 2018.

11. BARRETO, V.H.L.; MARCO, M.A. Visão de preceptores sobre o processo de ensino aprendizagem no internato. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 38, n. 1, p. 94-102, 2014.

12. BERTOCINI, J.H., PIRES, D.E.P., RAMOS, F.R. Dimensões do trabalho da enfermagem em múltiplos cenários institucionais. **Tempus - Actas de Saúde Coletiva - O Trabalho Em Saúde**, v.5, n.1, p. 123–133, 2011.

13. FLORES, G. E.; OLIVEIRA, D. L. L; ZOCHE, D. A. A. Educação permanente no contexto hospitalar: a experiência que ressignifica o cuidado em enfermagem. **Trab. educ. Saúde**, v.14, n.2, p.487-504, 2016.

14. MOTA, A.S.; SILVA, A.L.A.; SOUZA, A.C. Educação permanente: Práticas e processos da enfermagem em saúde mental. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.spe4, p.9-16, 2016.

15. VAZ, D.R.; PIETROCOLO, M.; OLIVEIRA, P.; ALMEIDA, D.M. A Importância da Reflexão no Estágio Curricular na Licenciatura em Enfermagem: uso de Heurísticos. **Revista de**

Graduação USP, v. 2, p. 65–73, 2017.

16. BECCARIA, L.M, TREVISAN, M.A., JANUCCI, M.Z. Integração docente-assistencial entre um curso de enfermagem e um hospital de ensino: concepção do processo sob a ótica de docentes, alunos e enfermeiros. **Arq Ciênc Saúde**, v.14, n.3, p.61-69, 2006.

17. PEREIRA, D.C.; OVIGLI, D.F.B. Estágio supervisionado: relatos do processo de constituição da identidade docente em Uberaba-MG. **Revista Profissão Docente**, v.17, n.37, p. 51–62, 2017.

18. LIMA, L.S.V.; OLIVEIRA, E.B.; MAURO, M.Y.C; LISBOA, M.T.L.; ASSAD, L.G.; CARVALHO, R.A.C. Psychosocial risks in specialized units: implications for the training and health of nurse residents. **Revista de Enfermagem UERJ**, v.23, n.2, p. 229–234, 2015.

Artigo apresentado em: março 2019

Artigo aprovado em: maio 2019

Conflito de interesses: as autoras declaram não haver conflito de interesses

Suporte financeiro: projeto recorte do macro projeto “Problemas e desafios no trabalho de profissionais de saúde em hospitais de ensino em três países – Brasil, França e Argélia” financiado com recursos do Edital Universal 14/2013 CNPq